

**CLIPPING IMPRESSO**

**08/01/2023**



# INDICE

---

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. PONTO FACULTATIVO / FERIADO.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. DESEMBARGADOR.....	2

# Recesso forense termina nesta sexta, 6 de janeiro

Recesso forense termina nesta sexta, 6 de janeiro

O Recesso Forense do Poder Judiciário do Maranhão – período em que a Justiça Estadual funciona em regime de plantão judicial – termina nesta sexta-feira, 6 de janeiro de 2023. A partir de segunda-feira (9), haverá expediente normal.

A Portaria-GP nº 1125, de 13 de dezembro de 2022, estabeleceu que não haveria atendimento presencial nas dependências do TJMA, desde 20 de dezembro de 2022 até esta sexta, 6 de janeiro de 2023.

Parágrafo único do artigo 1º da portaria deter-

minou o recebimento das demandas destinadas ao plantão judicial de 2º Grau, exclusivamente, por intermédio do Sistema de Processo Judicial Eletrônico – PJe, na forma da Portaria GP 5812017.

Outras normas estabeleceram os demais critérios e escalas para funcionamento em plantão judicial durante o período de recesso.

Os prazos processuais estão suspensos desde 20 de dezembro até 20 de janeiro, período no qual não serão realizadas audiências e sessões de julgamento, como previsto no art. 220 do Código de Processo Civil.

## José Luiz Almeida

Desembargador, membro do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luiz.almeida@globo.com / www.joseluzalmeida.com



# ANO NOVO, VIDA NOVA

Refletindo em face do título acima, devo dizer, de logo, que não sou daqueles que se deixa levar por essa percepção, daí a minha conclusão de que tudo tende a ser como sempre foi, na medida em que a vida nova que a humanidade reclama não resulta das datas convencionadas, mas da mudança de comportamento do ser humano.

A verdade é que o homem tende a ser o mesmo de sempre (*homo homini lupus*), pouco importando se se trata de ano novo ou ano velho, o que me faz concluir que a mudança convencionada pelo calendário deve ser analisada na dimensão que efetivamente tem: nada mais que uma simples divisão de tempo, que não implica, necessariamente, em mudança de rumo. É bem de ver-se, pois, que a mudança que importa não está, assim compreendo, na mera mudança de datas, que decorre apenas de uma sucessão de dias, em vista da percepção de que a transformação definitiva, capaz de ressignificar a existência do homem e, por consequência, sua relação

com o semelhante, só ocorrerá quando compreendermos que, acima de tudo, é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã (Renato Russo).

Nessa medida e nessa perspectiva, tendo a concluir que, sem amar o próximo, incondicionalmente, passam os anos, a vida passa e tudo tende a ser como sempre foi, constatação que não decorre de uma visão pessimista, mas em face da realidade que se revela diante dos meus olhos. A maldade do homem, em todas as suas dimensões, razão de tantas desavenças, de tantos infortúnios, de tanto sofrimento, tende, independentemente do calendário, a permear, doravante e como sempre foi, as nossas relações, a fazer concluir, com o perdão do clichê, que, se é verdade que só o amor constrói, não é menos verdadeiro que o ódio e a maldade do homem estão presentes para solaparem os nossos sonhos.

Exemplos da maldade humana, sobretudo quando a questão condiz com a busca

de vantagem material – para ficar apenas numa vertente dentre as diversas faces nas quais ela se manifesta - estão aí a olhos vistos para dar sustentação a essas reflexões, sendo oportuna, nessa senda, a conclusão de Edilson Mougnot Bonfim, segundo a qual, se o homem não vivesse o instinto de dominação, nas suas mais variadas concepções, poderíamos beber água do mesmo rio, mesmo um sendo lobo e o outro, ovelha. A verdade é que a luta do homem é quase sempre em face do próprio homem. Nesse sentido, vivemos lutando contra a inveja, o preconceito, a vingança, o ódio, a perfídia, a prepotência, a arrogância, a perseguição, a maldade e o fanatismo, que são sentimentos que, triste concluir, continuarão a permear as nossas vidas, pouco importando o que marca o calendário, que nada mais é do que um sistema que serve à contagem e ao agrupamento de dias, no afã de atender às necessidades civis e religiosas de uma cultura. É preciso admitir, ainda

que se possa entrever nessa afirmação uma inquietante manifestação de pessimismo, que nenhum animal que habita a terra é capaz de infligir, conscientemente, tanto mal ao semelhante quanto o próprio homem, muitos dos quais, com uma certa dose de cinismo/ insensibilidade, praticam maldades em nome daquele que veio à terra para ensinar e pregar o amor incondicional ao próximo.

O homem incapaz de amar ao próximo nunca será capaz de considerá-lo um irmão, posto que o tem como um desafeto, um inimigo em potencial, sobretudo se obcecado em face de uma paixão desmedida, dessas que, temos testemunhado no dia a dia, de tão intensa, lhe oblitera a capacidade cognitiva. É de se compreender, portanto e em arremate, que se o calendário muda, mas o homem permanece o mesmo, não nos iludamos, pois tudo tende a ser como sempre foi. É isso.